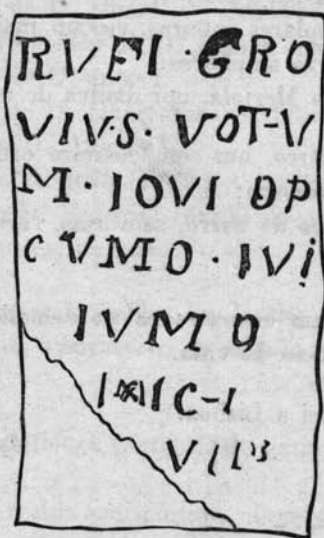


## Um Grovio autentico

Em uma excursão archeologica que, no mês de Janeiro do anno presente, pacificamente dirigi a territorios de Ponte de Lima, tive noticia de uma ara votiva a Juppiter, encontrada na freguesia de Villa-Mou, concelho de Vianna do Castello. Encarregou-se o meu illustrado amigo, P.<sup>o</sup> Manoel José da Cunha Brito, de inquirir do paradeiro da lapide, por intermedio de um prestimoso clérigo, o Rev.<sup>do</sup> Manoel Gonçalves.

Ao instincto scientifico de um parochio d'aquella freguesia, segundo fui informado, estavamos porém em grande obrigação pelo interessantissimo monumento, de que lhe devemos o teor, já que depois não pôde quebrantar a insana furia de aniquilamento que de uso é acometter as mãos de pessoas, aliás muito honradas, em presença dos espolios da antiguidade.

Nos entulhos da igreja parochial em reconstrucção, por agosto de 1892, apparecera, pelo que soube, a lapide preciosa; teve logo aso de a copiar o curioso abbade. E mais do que isso. Acudiu a seu pedido á freguesia o Sr. Dr. Luis Figueiredo da Guerra, que examinou a ara e mais tarde deixava a transcrição d'ella n-*O Arch. Port.*, v, 177. Os pedreiros porém, topando-se a sós, expungiam depois cuidadosamente do granito a epigrapha para a esconderem com os outros humildes calhaus na estructura das paredes em refazimento. Lá jaz, pois, anepigrapho e mudo o monumento que num fugidiço relampago falou á critica epigraphica da nossa patria. A cópia incompleta, tal qual foi tirada pelo Rev.<sup>mo</sup> Palhares, mostra-se na seguinte zincographia:



No que não póde deixar de se ler:

1 . . . . .  
 R V F I · G R O  
 V I V S · V O T V  
 M · I O V I · O P  
 5 T V M O · M  
 A X V M O  
 . . . . .  
 8 . . . . .

Informou-me ha pouco, por carta, o mesmo Rev.<sup>do</sup> abbade que, alem das antigualhas enumeradas pelo Sr. Dr. Figueiredo da Guerra, appareceram varias outras pedras com letras, e entre ellas uma com a palavra VICTORIA, talvez *Victoriae*. Não parece duvidoso que deve ter sido aquelle um logar do culto pagão, exornado de aras votivas. Se o incendio, que já presumiu o Sr. Dr. Figueiredo da Guerra, devorou o *fanum* da epoca romana ou a igreja que lhe succedeu, não podemos agora saber. O que é muito interessante observar, é mais uma vez o phenomeno da installação do culto christão nos mesmissimos logares consagrados ás divindades do polytheismo.

\*

O conhecimento do traslado d'esta epigraphie moveu-me extraordinario interesse, por ter chegado poucos meses depois da publicação, em *O Archeologo Português* (x, 10-12), do estudo *Os Grovios* do Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, e obter da sua materia uma bella e inesperrada contraprova.

A coincidencia desperta-me agora a lembrança de umas regras de critica epigraphica, deduzidas por René Cagnat no seu *Cours d'épigraphie latine*, p. 341 e sqq. Aqui porém não se trata de nenhum Pirro Ligorio, erudito e falsario, que se comprouvesse de forjar uma inscripção abonatoria, aliás desnecessariamente, da these proclamada pelo autor do artigo a que me refiro. A cópia presente não póde ficar litigiosa. Está honestamente feita por assim dizer, e attestada pela do Sr. Dr. Figueiredo da Guerra n-*O Archeologo* de 1899-1900.

O achado d'este e dos outros monumentos foi do dominio publico na freguesia e testemunham-no o Rev.<sup>do</sup> abbade, o Sr. Dr. Figueiredo da Guerra, o Sr. professor official e o mestre de obras. Pessoas todas vivas, que Deus conserve por longos annos.

\*

A these, definida em toda a largueza da sua verdade pelo Sr. Director d'esta Revista, de que a area geographica dos *Grovii* se deduzia da area do actual onomastico derivado d'aquella palavra, já tinha um relacionamento na epigraphie Huberiana n.º 2550 (II), cuja procedencia é Compostella e cujo teor é: *Procula | Camali | f. Crovia | an. XXX | h. s. e. Se | cundus et D. |*.

*Crovia* está em vez de *Grovia*, pensa Hübner. Mas Compostella estava dentro da area já conhecida dos *Grovios*.

A inscripção agora publicada procede porém da margem direita do Lima, não longe da sua foz, e portanto corresponde a uma parte da ampliação de fronteiras que o novo commentador dos textos de P. Mela, Plinio, Silio Italico e Ptolemeu traçou com os interessantissimos vestigios, que no onomastico actual descobriu de um grupo ethnico anterior aos romanos.

Agora o que nos resta d'esta inscripção é a cópia de um fragmento. Perdeu-se evidentemente a primeira linha, que declinava o nome do dedicante. Nenhuma epigraphie começa pelo genitivo da filiação; a tanto não chegam os privilegios dos *barbari*, no seu desrespeito pelas leis da epigraphia romana<sup>1</sup>. D'essa personagem salvou-se apenas o *cognomen*, ou o pseudo-ethnico no seu logar, de *Grovius*. Diz Cagnat (*ob. cit.*, p. 58) que a filiação se exprime pelo *praenomen* do pae em genitivo, precedido do *praenomen* e do *nomen* do filho, seguidos da sigla F. e logo, ou com interposição da tribu, do *cognomen* do filho. Ora nem *RVFVS* é prenome, embora se empregue como tal, nem a sigla F. está expressa, do que o classico epigraphista se não escandaliza em país barbaro. Aqui temos anomalias epigraphicas embora absolvíveis. *Rufus* é cognome assaz frequente no vol. II do *Corpus* (Vid. p. 743 e do *Supp.* p. 1091) e suspeito de celtico (Vid. Holder, *Alt-celt. Sprach.*: «villeicht auch celtisch»).

*GROVIVS*, porém, é importante elemento. Antes de mais, é a fórma genuina do ethnico; vid. *Arch. Port.* citado. Creio que esta palavra pertencia á graça pessoal do dedicante e não estava ali para individualizar o agrupamento social a que elle pertencia, como succede com um *Uxamensis*, com um *Igaedit(anus)*, com um *Bals(ensis)*, com um *Valabricensis*, que se referem intencionalmente á terra natal das pes-

<sup>1</sup> É esta a ordem das denominações pessoaes: prenome, nome, filiação, tribu, cognome, sobrenome (Serafino Ricci, *Epigrafia latina*, p. 91).

soas. (Vid. *Relig. da Lusit.*, II, 250, 299, 303, 328). É o que me acena o facto de encontrar este mesmo epitheto tanto na propria região dos Grovios, como em estranha a estes. Effectivamente ha uma epigraphie de *Caurium* (Lusitania) onde se lê: *Bassus | Medami f. | Crovus*, etc. (*Corp. Inscr. Lat.*, II, 774). *Grovius* e *Crovus* não são palavras sem parentesco; esta parece um «*violatum nomen*».

*Grovius* seria no nosso caso um cognome do dedicante, primitivamente originado, é certo, na sua ethnicidade ou na dos seus maiores, como se vê no *Celtius*, filho de Camalo e neto de Ulpino (*Camali Ulpini f. Celtius filius*) da ara de Bandoga (*Relig. da Lusit.*, II, 316; vid. tambem p. 250); no *Celti* de *Aleba Celti f.* (*Corp. Inscr. Lat.*, II, 755); noutro *Celti* (*Celtus* ou *Celtius*) de uma lapide inedita da Idanha-a-Velha (*S. Valerio Celti f. . .*); etc.

Num ex-voto lavrado em antiga região de Grovios, como este de Villa-Mou, por um cliente de Juppiter, e em plena epoca romana, pouca explicação teria a circumstancia de se acrescentar ao onomastico do dedicante o epitheto sobreceiente e acaso obsoleto de Grovio, quando não fosse por mero *cognomen* individual, do qual aliás a critica, embora modestamente representada, não se inhibe de tirar seu partido.

\*

Passarei á analyse epigraphica da lapide, de que conheço as dimensões: 0<sup>m</sup>,25 × 0<sup>m</sup>,88, e a natureza da pedra: granito.

A 1.<sup>a</sup> linha conteria mais provavelmente uma só palavra, um só nome acaso indigena, o dedicante do ex-voto, em nominativo. Lamentemos a sua perda. Poderia ser um inedito.

Na 2.<sup>a</sup> linha supprimiu-se a sigla F. ou FIL. (*filius*). (Ricci, *ob. cit.*, p. 94). Nenhum reparo merece o facto. Comquanto as leis epigraphicas não sejam absolutamente rigorosas (Cagnat, *ob. cit.*, 223) o nome da divindade é o primeiro elemento da formula, vindo só depois o do dedicante e mais incidentes accessorios com a *clausula* no fim. Não seguiu estes preceitos o quadratario de Villa-Mou, mas os exemplos não surgem raros a quem compulsar series de epigraphes congeneres, por exemplo, as colleccionadas ineditamente nas *Religiões da Lusitania* (vol. II, por ex., pp. 330 e 190).

Na 3.<sup>a</sup> linha lê-se VOTVM. É um dos vulgarissimos termos da *clausula* final dos formularios votivos; por ex. VOTVM SOLVIT, VOTVM LIBENS POSVIT ou VOTVM SOLVIT LIBENS ANIMO, tres das mais simples glosas votivas adoptadas na epigraphia romana. Mas o que se nota aqui é a intersecção da *clausula* pelo nome da divindade invocada. Isto é que



é menos vulgar. Comtudo em Hübner, que me ensina o reparo, os n.ºs 2458, 6288 e 5247 (*Corp. Inscr. Lat.*, II) apresentam igual interpolação<sup>1</sup>.

Quanto a OPTVMO por OPTIMO e MAXVMO ou MAXSUMO (cfr. *O Arch. Port.*, v, 177) por MAXIMO são casos exemplificados em epigraphia da Lusitania (*Corpus*, II, 170) e da Betica (*Ibid.*, 2104)<sup>2</sup>. Vê-se ainda *legitume*, *praestantissimus*, etc.

Na cópia que me foi enviada, a dedicatória occupava ainda mais duas linhas. Não posso, porém, preenchê-las com exactidão.

O que deveria narrar-se nesta parte da epigraphie, sabemo-lo pelos formularios; mas, quaesquer que fossem os termos preferidos, é impossivel adaptá-los ao campo da inscripção, confessada em mau estado nas duas ultimas regras.

Effectivamente, a clausula podia ser mais ou menos simples, e estar em siglas ou *in-extenso* (Cagnat, de pp. 422 a 425, dá-nos varios modelos). Alem da clausula podia ainda gravar-se nalguma d'aquellas linhas o motivo do voto, em satisfação do qual o filho de Rufo rendia graças a Juppiter; *pro salute*, por ex. (*Corpus*, II, 2552 a 2555 e 2635, etc.). De qualquer modo se poderiam preencher as duas linhas gastas.

\*

Um dos aspectos mais interessantes d'esta defunta lápide de Villa-Mou é a contribuição que ella póde dar para o problema do celtismo dos Grovios. O Sr. Dr. Leite de Vasconcellos abeira-se d'esta questão nas suas *Religiões da Lusitania*, II, 74 e 77, e ahi affirma, interpretando P. Mela, que os *Grovii* eram tribu secundaria dos *Celtici*. Resalvada a estrema consideração que tenho pelas opiniões do meu Mestre, não se me afigura que das palavras do corographo hispano se possa deduzir directamente asserção tão categorica.

O texto é o seguinte: *Totam Celtici colunt, sed a Durio ad Flexum Grovii; fluuntque per eos Avo, Celadus, Nebis, Minius et cui oblivionis cognomen est Limia* (*De situ orbis*, ed. de 1742, p. 247); que se póde traduzir assim: Celticos habitam esta frente toda; porém desde o Durio até áquella pequena volta, os Grovios, correndo entre elles o rio

<sup>1</sup> Estas epigraphes tambem se encontram nas *Religiões da Lusitania*, II, 190, 314 e 334.

<sup>2</sup> Claudio tinha inventado um sinal particular para exprimir este som intermedio de *i* e *u* que os romanos emittiam em *optimus* e talvez em *maximus*. (Ricci, *ob. cit.*, p. 43).

Avo, Celado, Nebis, Minio e o Limia, que tem por sobrenome o do Olvido (Cfr. *Fragmentos relativos á historia e geographia da peninsula iberica*, do Sr. Gabriel Pereira, 1880, p. 30). Se alguma cousa d'aqui se póde inferir é que, emquanto os Celticos habitavam a região que Mela descrevia naquella altura da sua corographia, outros povos porém (*sed*), os Grovios, occupavam, d'essa mesma região, a área sulcada pelos rios Ave, Cávado, Neiva, Lima e Minho. A adversativa *sed* não autoriza, julgo eu, a interpretação tão decisiva do Sr. Dr. Leite de Vasconcellos. E comtudo, é innegavel que não só a região dos Grovios se dilatava mais para o norte (*Arch. Port.*, x, 287-292), como nella existia com certa densidade demographica (e talvez preponderancia social)<sup>1</sup> o elemento celtico, o que se prova pelo onomastico epigraphico da Citania, de Vizella, de Valdevez, de Vianna, etc., cuja data coincide pouco mais ou menos com as referencias dos AA.

A epigraphie de Villa-Mou adduz para o caso seu concurso, pois que *Rufus* é talvez celtico (Holder, *Alt Celtischer Sprachschatz*, s. v. *Rufus*), e o N. *Grovius*, será portanto filho de um homem com nome celtico; o que assaz abona a celticidade d'este Grovio.

Dos autores, se alguma illação se póde tirar quanto a Grovios, é que estés eram um povo áparte dos Celticos, embora o mutuo parentesco tambem não seja por elles expressamente negado. Assim Floro diz que em 138-136 a. C. o consul Junio Bruto submetteu os Celticos, os Lusitanos e todos os povos da Gallecia (*Florus*, l. II, c. 17, § 12). Estrabão explica que no seu tempo, ao norte do Lima, na região circunjacente do promontorio *Nerios*, é que se fixaram os Celtas, depois de desavindos com os Turdulos. De P. Mela já falei. No sentido de Ptolemeu, os *Grovii* seriam um ramo dos *Bracari* (*Religiões da Lusitania*, II, p. 324). É inutil inventariar mais citações, porque o que eu pretendo demonstrar é que a celticidade, ou melhor, o celtiberismo dos Grovios não se joeira dos textos. Mas colhe-se em grande parte nos monumentos epigraphicos<sup>2</sup>.

O autor que traz a mais antiga referencia aos Grovios é Silio Italico, pois que com ella alcança o sec. III a. C., no tempo de Han-

<sup>1</sup> Estrabão informa que os Iberos se achavam no estado selvagem, excepto os do litoral do mar interior (*Estrabão*, trad. do Sr. Gabriel Pereira, 13, p. 12).

<sup>2</sup> Se acêrca de Grovios houvesse um texto como de Plinio ha para os *Nerios* (*Celtici cognomine Neri*, Plinio, l. IV, § III), povo cumvizinho do promontorio *Nerios*, outro seria o meu cantar. («Les celtes en Espagne», por D'Arbois de Jubainville in *Revue Celtique*, XIV). Caso analogo se dá com P. Mela; vid. *Religiões da Lusitania*.

nibal, em cujo exercito havia pois Grovios (*Arch. Port.*, x, 288). Já a este tempo os altivos ribeirinhos de entre o Douro e Minho (Mela) haviam rasgado, juntamente com os Turdetanos, Lusitanos e Astures, o sagum dos seus dominadores; Celtas, para só se curvarem ás cohortes de Junio Bruto, um seculo depois (*Revue Celtique*, xiv, 382)<sup>1</sup>. Repare-se porém em que aquelle A., como os outros do sec. I, conferem o nome de Grovios aos mesmos povos, ou sejam do sec. III a. C., ou sejam contemporaneos seus e portanto romanizados. Ora esta palavra não é de natureza celtica, mas iberica<sup>2</sup>, e comtudo foi a que sempre se adoptou, como se tivesse apenas sentido geographico. Póde bem concluir-se d'aqui que o fundo da população era iberico.

A invasão celtica, que se deve attribuir á epoca anterior á 2.<sup>a</sup> metade do sec. v a. C. (*Revue Celtique*, xiv, 358 e 359) foi porém uma inoculação de sangue, na qual se geraram Celtiberos; bem differente da conquista romana que ethnologicamente, por assim dizer, não passou de subjugação politica.

Estrabão diz por exemplo: ao norte dos Celtiberos... habitam os *Veronos*, filhos tambem da grande emigração celtica (Gabriel Pereira, *Fragmentos*, iv, 12, p. 11). Estarão os Grovios no mesmo caso? Nenhum autor o diz nitidamente.

Devo ainda notar que uma observação acode a quem comparar entre si os titulos já referidos dos n.<sup>os</sup> 774 e 2550 de Hübner e este de Villa-Mou; é que tanto a *Crovia* da Gallecia como o *Crovus* da Lusitania eram celticos, ao menos pela costella paterna. Camalo, pae da primeira, Medamo, pae do segundo, são celtas (Holder, *Alt. Celt. Spracht.*, s. vv.). Rufo tem tambem visos de o ser.

Apesar d'isto o autor d'aquelle dictionario, chegado a *Crovia*, ainda pergunta se este nome será iberico?

<sup>1</sup> Só os povos que occupavam os arredores do cabo Finisterra, os Celticos dos AA. do sec. I, é que continuaram vivendo na dependencia da raça immigrada, porque acaso se sentiam irmãos de sangue.

Fóra do dominio dos invasores do sec. v a. C. ficaram os Turdetanos, os Lusitanos, os Callaicos e os Astures. («Les Celtes en Espagne», por D'Arbois de Jubainville, in *Revue Celtique*, xiv, 382). É porém innegavel que o sangue celtico, em alguns d'estes povos, teve transfusão copiosa.

<sup>2</sup> Hübner considera GROVII nome iberico (*Mon. Ling. Iber.*, prologo, p. 106). A frequencia dos nomes terminados em *aico*, os quaes fóra de Hespanha são rarissimos e na Gallecia é que mais abundam, alguma cousa indica quanto á importancia do fundo iberico nesta parte da peninsula (*Vestig. das ant. ling. da penins. iber.*, pelo Sr. Adolfo Coelho, in *Rev. de Guimarães*, III, 169).

Já não é pouco, neste problema, averiguar-se pela epigraphia (não pelos textos) que tres Grovios especificados usavam nomes de origem celtica e elles mesmos tinham sangue de Celtas <sup>1</sup>.

Mas uma importantissima inscripção de que em breve me hei de occupar, e que pertence precisamente á área geographica dos Grovios, traz consigo a prova de que o elemento iberico existia ali innegavelmente copulado com o elemento gaulês.

\*

Considerarei o epitheto GROVIVS da ara de Villa-Mou como um cognome e não uma distincção ou referencia ethnica. Não foi isto despir o valor ao monumento minhoto. A causalidade do sobrenome não póde ter sido outra senão o sangue do dedicante ou da sua linhagem. Os *Grovii* eram-nos revelados pela literatura historica; mas do vocabulo *Grovius*, no singular, não havia citação na epigraphia; depois da edição d'esta preciosa cópia, assinala-se um GROVIVS na epigraphia lusitano-romana (já havia CROVIA na Gallecia, como se viu supra) e o que mais vale, na epigraphia da propria região dos Grovios, tal como ella foi recentemente delimitada pela concepção original do Sr. Dr. Leite de Vasconcellos. As informações que até nós chegaram dos geographos e historiographos da antiguidade obtem d'esta maneira uma confirmação e ampliação não pouco brilhante.

Nisto consiste a valia do achado.

F. ALVES PEREIRA.

### Situação monetaria de Minas-Geraes em 1808

No vol. ix d-*O Archeologo*, a pp. 259-270, tratou o Sr. Manoel Joaquim de Campos, tão sympathico como erudito numismata, das pretensões monetarias de Villa Boa de Goiaz, na penultima decada do sec. XVIII. As pretensões não eram exclusivas d'aquella capitania, pois cêrca de 30 annos depois, em 1808, as autoridades de Minas-Geraes pensaram no mesmo assunto. Na incompetencia de fazer um estudo mesmo resumido d'elle, limito-me a transcrever aqui tres documentos, dois officios e um relatorio, em que a materia vem expendida; offerecendo-os aos competentes, entre os quaes brilha o nome que ha pouco citei.

<sup>1</sup> «Sous la domination romaine il y avait encore dans les régions de l'Espagne, considérées comme exclusivement ibériques, des populations celtiques qui conservaient leurs mœurs». (*Revue celtique*, xv, 38).